VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: TRAUMA E REPRESSÃO EM *O PESO DO PÁSSARO MORTO*, DE ALINE BEI

Renata Ribeiro (UFG)
Jordany Cristine Alves Martins de Sales (UFG)

Resumo: Com este artigo objetiva-se realizar uma análise literária da obra *O peso do pássaro morto* (2017), da autora contemporânea Aline Bei. A análise será conduzida sob duas perspectivas teóricas: a psicanalítica, baseada nos estudos de Sigmund Freud (2010), e a feminista, fundamentada em estudos de diversas autoras, como Eurídice Figueiredo (2020), Lia Machado (1998) e outras. O objetivo principal é investigar a relação entre a violência e suas consequências na vida da personagem, bem como apreender o processo de repressão da protagonista como forma de fuga e defesa da violência sofrida ao longo de sua vida. Por meio da abordagem psicanalítica, será explorado como o conceito freudiano de repressão e os mecanismos de defesa se manifestam na narrativa e na construção da personagem principal. Ademais, com a análise a partir da teoria feminista, buscar-se-á compreender a representação da violência de gênero na obra e como esta experiência impacta a protagonista.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Crítica feminista. Trauma e repressão. Violência de gênero. Aline Bei.

Abstract: The aim of this article is to carry out a literary analysis of the work *O peso do pássaro morto* (2017), by Brazilian contemporary author Aline Bei. The analysis will be conducted from two theoretical perspectives: psychoanalytic, based on the studies of Sigmund Freud (2010), and feminist, based on the studies of various authors, such as Eurídice Figueiredo (2020), Lia Machado (1998) and others. The main objective is to investigate the relationship between violence and its consequences in the character's life, and to understand the protagonist's process of repression as a way of escaping and defending herself from the violence she has suffered throughout her life. The psychoanalytical approach will explore how the Freudian concept of repression and defense mechanisms manifest themselves in the narrative and in the construction of the main character. Furthermore, an analysis based on feminist theory will seek to understand the representation of gender violence in the novel and how this experience impacts on the protagonist.

Keywords: Brazilian literature. Feminist criticism. Trauma and repression. Gender violence. Aline Bei.

Introdução

Esse artigo propõe uma análise voltada à violência contra a mulher na obra *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei (2017), com o intuito de problematizar o trauma e a repressão experimentados pela protagonista. Nesse seu primeiro romance[1], a escritora brasileira propõe

[1] Após a estreia com *O peso do pássaro morto* em 2017 (Editora Nós), romance com o qual Aline Bei ganhou os prêmios Toca e São Paulo de Literatura (categoria Melhor romance de autor com menos de 40 anos), a escritora trouxe a público o conto *Ego* em 2018, pela coleção Identidade (Kindle Direct Publishing); o conto "Dente torto" em 2019, na coletânea *Contos brutos*, organizada pela escritora Anita Deak (Editora Reformatório); o conto "Ruth sem medo" em 2020, na coletânea *Pandemônio*: nove narrativas entre São Paulo – Berlim, organizada por Cristina Judar e Fred Di Giacomo (PANdemônio edições); o conto *Rua sem saída* em 2020 (Coleção Formas Breves, e-

um olhar denso e sensível para questões como a vida e a morte, bem como o peso das perdas. Aline Bei tem sido reconhecida, em grande parte, pela sua narrativa poética e pela construção de suas personagens. O romance em questão narra a trajetória de uma mulher dos oito aos cinquenta e dois anos: suas relações amorosas e de amizade, suas vivências de dor e de amadurecimento ao longo das décadas. Mesmo com pouco tempo de publicação, o romance tem despertado o interesse tanto do público quanto da crítica brasileira, uma vez que a autora concedeu inúmeras entrevistas a veículos de comunicação diversos, bem como conta com um número já considerável de artigos publicados em revistas especializadas e qualificadas, além de dissertações de mestrado. A título de exemplo, inclusive com perspectivas que dialogam com a presente proposta, podemos citar os artigos "A cura não existe: depressão, melancolia e suicídio no romance *O peso do pássaro morto*", de Natacha dos Santos Esteves e Wilma dos Santos Coqueiro (2020); "Poética da rememoração: o processo criativo de *O peso do pássaro morto*", de Elisabete Alfeld (2021); "O grito mudo*:* silenciamento e violência contra a mulher em *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei", de Lanuk Nagibson Araújo Silva e Mauro Dunder (2023).

A narrativa particular de Bei, por meio de uma prosa poética, fragmentada e intimista, expõe os sentimentos e a psique da narradora protagonista. O título *O peso do pássaro morto* refere-se às várias formas do luto e aos pesos emocionais com que a protagonista lida durante a sua vida, mostrando como esses fardos afetam sua identidade e suas vivências pessoais. Para que o argumento proposto seja alcançado, ou seja, para que sejam observadas algumas das experiências traumáticas e a repressão da protagonista advindas da violência de gênero, convém compreender como a vivência do abuso sexual uma vez sofrido pela personagem foi internalizada, perfazendo-se a análise de como o trauma se traduz em sua vida adulta, impactando seus relacionamentos interpessoais. Segundo Eurídice Figueiredo (2020, p. 264), o "estupro de crianças e adolescentes provoca um trauma que pode durar a vida toda; chegando à idade adulta, a pessoa não tem segurança emocional para estabelecer relações de afeto e confiança com os outros". A pesquisa parte dessa perspectiva para examinar as profundezas do trauma da protagonista e como ela molda suas interações e escolhas ao longo da vida. Além disso, são consideradas as reflexões freudianas sobre a repressão[2], descrita como um

galaxia) e o romance *Pequena coreografia do adeus* em 2021 (Companhia das Letras).

[2] O tradutor Paulo César de Souza (in Freud, 2010, p. 12), na introdução do décimo segundo volume das *Obras completas* de Freud, pela editora Companhia das Letras, adverte que, quanto aos termos técnicos da psicanálise, realizou escolhas que lhe pareceram "menos insatisfatórias". Nesse sentido, optou por utilizar "repressão" no lugar de "recalque", por exemplo. Como essa edição é a que foi utilizada para esse artigo, optou-se por seguir a nomenclatura proposta por seu tradutor, que justificou suas escolhas vocabulares para a obra de Freud, inclusive esta, em *As palavras de Freud:* o vocabulário freudiano e suas versões (São Paulo, Companhia das Letras, 2010).

mecanismo cuja essência "consiste apenas em rejeitar e manter algo afastado da consciência" (Freud, 2010, p. 85), explorando-se como a protagonista reprime suas vivências dolorosas como um mecanismo de sobrevivência. Nesse sentido, é necessário buscar bases teóricas e metodológicas, além da psicanálise, na teoria e crítica feministas, pois são elas que estudam e elaboram, entre outras questões, a violência de gênero contra a mulher.

Partindo da ideia de que esse trabalho tem como *corpus* um romance que se insere na literatura brasileira contemporânea escrita por mulheres, pode-se afirmar que a literatura tem desempenhado um papel importante no feminismo brasileiro ao longo de nossa história. No contexto dos países ocidentais, o movimento foi historicamente dividido em quatro ondas que promoveram a inserção das mulheres na sociedade para além do universo doméstico. De acordo com Olivia Cristina Perez e Arlene Martinez Ricoldi (2023, p. 2), ancoradas em estudiosas como Céli Pinto[3], Marlise Matos[4] e Daniela Rocha Drummond[5], no

> caso brasileiro, a primeira onda teria como marco a conquista do sufrágio feminino em 1932; a segunda reivindicaria mais direitos, inclusive políticos, no contexto da ditadura militar; já a terceira teria sido marcada pela institucionalização da participação do movimento feminista.

A quarta onda do feminismo brasileiro e latino-americano, por sua vez, segundo Perez e Ricoldi (2023, p. 4-5), entre diversos fatores, "tem como características a institucionalização das demandas das mulheres e do feminismo, o processo de institucionalização das ONGs e das redes feministas e a possibilidade da luta trans ou pós-nacional".

Diante desse contexto literário e social, a análise da obra *O peso do pássaro morto* busca evidenciar tanto a qualidade literária quanto a profundidade emocional de sua narrativa, contribuindo para uma compreensão mais ampla dos desafios enfrentados pelas mulheres na sociedade contemporânea. Dados do *Boletim Epidemiológico* da Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente do Ministério da Saúde do Brasil, publicado em 2023, por exemplo, revelam que mais de 200 mil casos de violência sexual contra crianças e adolescentes foram registrados no Brasil entre 2015 e 2021, afetando principalmente meninas entre 10 e 19 anos. Esses números reforçam a relevância da análise proposta, uma vez que o estudo da violência contra a mulher na literatura pode contribuir para a compreensão de uma questão social urgente.

[3] PINTO, Céli. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.
[4] MATOS, Marlise. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul global? Revista de Sociologia e Política, v. 18, n. 36, p. 67-92, 2010.
[5] DRUMMOND, Daniela Rocha. A quarta onda do movimento feminista no jornalismo brasileiro e português: um estudo sobre as coberturas jornalísticas da Folha De S. Paulo e do Público (2013-2018), 2020. Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Ciência Política) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil.

Como metodologia, esse artigo utiliza os princípios e conceitos da crítica literária feminista como um dos caminhos possíveis para pensar a literatura de autoria feminina e como espaço de discussões em torno da violência cometida pelos homens contra as mulheres. O referencial teórico é fundamentado, pois, nos estudos literários e culturais, desenvolvidos majoritariamente por pesquisadoras. Tendo em vista a proposta transdisciplinar desse trabalho a fim de analisar o trauma sob a psicanálise, é proposto um recorte do conceito freudiano de repressão.

Por meio das teorias feminista e psicanalítica, o artigo buscará compreender a construção social da identidade feminina e os processos internos de luto e superação que acompanham a personagem principal. Assim, pretende-se responder à pergunta: como a violência contra a mulher é tematizada em *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei?

1. Violência contra a mulher e sua representação em *O peso do pássaro morto*

De acordo com dados do *Relatório Anual Socioeconômico da Mulher* (RASEAM) de 2024, elaborado pelo Ministério das Mulheres, foram registrados 67.626 casos de estupro contra mulheres no Brasil ao longo do ano de 2022, o equivalente a um estupro a cada oito minutos. Esses números alarmantes apontam para a necessidade de estudos sobre a questão da violência de gênero no Brasil, cuja forma de denúncia e questionamento pode ser a literatura, em especial de autoria de mulheres. No Brasil, assim como em outros países latino-americanos e também ocidentais, o campo literário foi tradicionalmente dominado por vozes de segmentos socioculturais privilegiados, ou seja, homens brancos, de classe média e urbanos. Essa hegemonia frequentemente exclui a perspectiva feminina e temas como a violência contra a mulher, especialmente quando narrados sob o olhar das vítimas. A literatura escrita por mulheres tem se revelado uma poderosa aliada na luta por movimentos sociais e na denúncia de injustiças. Apesar de historicamente silenciadas e ignoradas pelo cânone literário, essas vozes resistiram e, com o tempo, ganharam força. Escritoras como Maria Firmina dos Reis, Pagu, Lygia Fagundes Telles e tantas outras demonstraram, por meio de suas obras, a importância de expor os acontecimentos de suas épocas, evidenciando como a literatura pode refletir as ideologias e discursos predominantes na sociedade.

Aline Bei, uma voz proeminente da literatura contemporânea, trata do abuso sexual – estupro – e de suas consequências na vida de uma mulher. A violência é retratada de forma crua e visceral, sem meias-palavras. A autora quebra tabus ao escrever sobre um tema tão necessário,

porém pouco repercutido na literatura, visto que por muito tempo as personagens femininas eram escritas por homens. Virginia Woolf (1985) considera que as personagens femininas criadas pelos homens são vistas unicamente do ponto de vista de sua relação amorosa com eles, nada mais parece interessar os autores. Assim, questões importantes que afetam as mulheres foram propositalmente esquecidas ou ignoradas quando se criavam as personagens femininas em seus romances. De acordo com as pesquisadoras Maria do Rosário Pereira e Aline Alves Arruda (2021, p. 158), da

> multifacetada literatura produzida por mulheres do final do século XX, chegamos às autoras contemporâneas, que têm realizado uma atividade literária de resistência, com temas pouco abordados antes, como a violência e o estupro. O corpo tem sido mote para as escritas do feminino, numa construção discursiva em que a linguagem literária ganha contornos atuais e polêmicos.

Conforme mencionado acima, as novas escritoras contemporâneas têm utilizado da sua escrita para expor as questões, problemas e violências vivenciadas pelas mulheres, sendo uma delas a violência sexual, diretamente vinculada à de gênero, cuja noção, como lembram Lourdes Maria Bandeira e Eleonora Oliveira (1990), é fruto de construções sociais e não de características naturais. Essa construção impõe normas que moldam a sociedade e punem aqueles que não se adequam a elas. Essa violência reflete os valores misóginos ainda enraizados na cultura popular, que perpetuam a violência contra a mulher como uma questão de poder e honra masculina. Tais valores são sustentados por normas culturais patriarcais, que delimitam papéis rígidos para homens e mulheres, mantendo o feminino associado à submissão e à normatização. A violência, nesse contexto, não é um ato isolado, mas um reflexo das estruturas sociais que naturalizam a desigualdade de gênero.

No romance *O peso do pássaro morto* (2017) a narrativa, organizada segundo as idades da narradora-protagonista e escrita de forma fragmentada e em versos livres, reflete as memórias marcantes da personagem. A escrita não linear e fragmentada sugere lapsos de memória assim como as escolhas da idade para os capítulos. Não se sabe o que aconteceu antes dos 8 anos, ou como ela lidou com os primeiros dez anos de vida do seu filho. De acordo com a própria autora, em entrevista a Renata Arruda (2018, [s/p]), “O silenciamento é um dos temas centrais do livro, e eu queria que a personagem se calasse tanto ao ponto de acordar os nossos próprios silêncios”. Dessa forma, o espaçamento entre as idades pode ser interpretado como uma forma de provocar identificação e questionamento no leitor. As lacunas também podem ser

lidas como as lembranças esquecidas ou não lembradas de modo mais ou menos deliberado, mostrando certo trabalho de edição da memória.

Não há descrição física nem o nome da personagem. Bei utiliza-se do apagamento como uma forma de revelar as mulheres que são esquecidas ou não mencionadas na história do país. Eni Orlandi (2007, p. 13) considera que o "silêncio é assim respiração (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é um, para o que permite o movimento do sujeito". Nesse sentido, a escolha de não nomear e nem descrever a protagonista pode ser também uma forma de ressignificar a forma como a violência contra as mulheres passa despercebida na sociedade.

A protagonista aos dezessete anos se diverte com sua amiga Paula e está descobrindo os prazeres sexuais com Pedro, um colega da escola que a adolescente não considera como namorado: "não éramos namorados/ porque ninguém pediu que sim. / mas nós amassávamos regularmente/ pelos cantos do colégio" (Bei, 2017, p. 47-48). A protagonista e Paula vão a um show, bebem o que elas dizem ser uma cerveja barata, conhecem um rapaz e os três se beijam. Como havia algum colega da escola no evento, uma foto do beijo triplo envolvendo a narradora, Paula e o rapaz circulou os corredores da escola. Pedro decide não ter mais contato com a protagonista. Conforme Heleieth Saffioti (1987, p. 19), "Como o homem detém poder nas suas relações com a mulher, só ele pode ser sujeito do desejo". No romance, a adolescente é punida por seguir seus desejos sob efeito de álcool, situação que culmina na brutalidade de Pedro, que reage com possessividade e agressão:

> tinha conhecidos do colégio no show da banda moda.
> alguém
> tirou 1 foto do beijo triplo
> e mostrou pro Pedro na segunda-feira que, aos gritos, socou o ar dizendo:
>
> – puta.
> eu gostava de você, sua
> P u t a! (Bei, 2017, p. 52).

Os demais adolescentes da escola, além de também chamarem a protagonista de "puta" e de a convidarem para "dar aquele beijinho no meu pau" (Bei, 2017, p. 52), começaram a fazer chacota com Pedro, chamando-o de "Pedro Corno":

> as pessoas
>
> colavam fotos pela escola do pedro com chifres, rei do gado
> era seu novo apelido,

muuuuuuuuuuuuuu quando ele passava,
muuuuuuuuuu desenhado em bilhete

A partir da circulação da fotografia, a personagem sofre violência emocional, pois foi punida pelas pessoas do seu convívio social. Ela vê o amor de Pedro virar sentimento de posse e como punição por não seguir as regras de uma sociedade patriarcal é maltratada pelos colegas. Como a protagonista precisava de ter alguém ao seu lado, não teve coragem de revelar à mãe o que acontecera; pressupunha que a mãe não a apoiaria, deixando-a imaginar que apenas sofria por amor. Passava horas trancada no quarto, sem comer:

eu passava horas
trancada no quarto depois do colégio. não queria comer, minha mãe insistia.
dizia que

o amor era um vento,
logo passa e começa outro com tanta naturalidade que você nem percebe.
mas é a culpa mãe,
trezentos
quilos
de culpa
e ela achando que nessa história eu era santa. (Bei, 2017)

Pedro, por sua vez, imerso nessa lógica patriarcal, acredita ser necessário "limpar" sua honra, agindo conforme aprendera em uma estrutura de poder que legitima sua posse sobre o corpo da mulher. Como afirma Lia Zanotta Machado (1998, p. 251), "apoderar-se do corpo da mulher é o que se espera de uma função viril. O 'não' da mulher, ou o 'medo' da mulher, aparecem como constitutivos do desejo masculino". Pedro então acredita que tinha o direito ao estupro como forma de punição e dominação de um corpo que acreditava ser seu. Conforme explica Marcia Tiburi (2015, p. 112), "O estuprador é aquele que se vê tendo um estranho 'direito ao estupro' como aquele que reivindica o 'direito de ser machista'". Assim, em uma noite de sexta-feira, após recusar o convite do pai para irem em família a uma pizzaria, a protagonista adormece ao assistir um filme e desperta ao ouvir a campainha tocar. Da janela, reconheceu Pedro, que pediu para conversar. Rapidamente, a adolescente se arrumou, pensando que ele estivesse ali para uma reconciliação, nunca imaginando a violência que estaria por vir:

quando abri a porta
o Pedro
tinha 1 Faca
que colou no meu
pescoço.
meu grito
morreu no estômago
junto com o chute que ele me deu.

caí sem acreditar naquele Pedro que
arrancou o meu
vestido, o contato
rente
da Faca
queimava
a pele e
ardia enquanto o Pedro
mastigava meus peitos
pronto pra arrancar
o bico.
ele lambeu minhas coxas por dentro a buceta meu rosto o cu e a língua um pau

revirando,
entre a reza e o pulo escolhi ficar dura
e estranhamente pronta
pra morrer.
foi quando o xixi
me escorreu
as pernas. (Bei, 2017, p. 57)

Logo em seguida, a narradora segue descrevendo a violência de Pedro que, ao final, tinha "a cara cerrada de gozo e nenhum ódio" (Bei, 2017, p. 60). Em seus termos, o ódio, agora, era todo dela, ou seja, o que ficou de toda aquela cena foi a transferência de um ódio que nela ficou e nela fincou raízes. Dessa primeira relação sexual violenta e não consentida, ela ficou grávida de um menino, que nasce e recebe o nome de Lucas.

Após o estupro a personagem se cala e se isola dentro de si. Para a família, apenas diz que tinha mantido uma relação sexual, sem nenhum detalhamento de uma possível relação com o pai da criança, que nunca aparece. A violência muda, pois, o curso da sua vida. Para sobreviver, ela reprime o trauma e passa a agir automaticamente, sem felicidades e sem amores, dedicando-se ao trabalho para o sustento do filho. O trauma a afastou da sua relação maternal, afinal a escolha de ser mãe foi forçada para ela, não foi sua escolha. A professora Eurídice Figueiredo (2020, p. 58) pontua que "A personagem é destruída porque perde a alegria de viver atravessada pela melancolia e pela frustração, sobrevive, numa rotina entediante e sem sentido".

Para a psicanálise, a repressão é um mecanismo de defesa do inconsciente que age para reprimir pensamentos, desejos ou emoções que são inaceitáveis ou conflitantes para a consciência. Esses conteúdos reprimidos não desaparecem; eles ficam armazenados no inconsciente e podem influenciar o comportamento de maneira indireta. No romance, a protagonista luta para manter o trauma no inconsciente e, como afirma Freud (2010, p. 179), "a repressão propriamente dita afeta os derivados psíquicos da representante reprimida ou as

cadeias de pensamentos que, originando-se de outra parte, entraram em vínculo associativo com ela". Um exemplo dessa repressão pode ser observado na passagem a seguir, quando Bete, a vizinha que cuidava do menino para que ela trabalhasse, comenta sobre a criatividade que ela via no menino:

> a bete sempre ria das invenções dele, eu nem imaginava que o lucas era
> criativo, não na minha frente,
> então ela
> me contou um dia, depois que cheguei do trabalho:
>
> – o lucas disse que xixi tem cheiro de pipoca.
> e ria, os 2
> Riam, eu tentava
> rir mas
> sabia
> exatamente qual era o cheiro que xixi tinha e dormia
> cada dia mais
> sozinha
> achando cada dia mais
> difícil conversar com o menino que meu filho tinha se tornado sem mim.
> (Bei, 2017, p. 89).

Ao tentar rir da fala de Lucas, a narradora pensa no cheiro do xixi referido pelo menino e já o associa à sua solidão e ao fato de não conseguir conversar com o próprio filho. Não há relação direta entre cheiro de xixi e solidão, mas o momento a faz realizar essa associação, muito provavelmente derivada de seu processo de repressão. A solidão e a consciência de um não vínculo com o filho irrompem nesses momentos do cotidiano em que não se vê ali, em que tenta mas não consegue exercer sua maternidade.

A narradora tentará se aproximar do filho adulto, dizendo que não queria perdê-lo quando Lucas, em um jantar, anuncia que viajará para a Itália para se casar com a noiva, Joana, que está grávida. Na ocasião, mãe e filho dançam e ela admite que errou ao não se aproximar dele quando era criança. Lucas diz que não precisam falar sobre isso; ela insiste, ele se irrita e volta para a mesa, e a narradora comenta:

> senti que o chão
> abria
> caí
> sem pausa
> nem grito.
> Chega de tentar,
> foi o que eu senti com aquela dança.
> eu nunca
> vou conseguir contar, no fundo
> não devo querer. (Bei, 2017)

O trauma da narradora a isola de seu filho. O fato de não ter contado sobre o estupro a ninguém provoca um distanciamento entre os dois: “Não consegui contar (pra ninguém)” (Bei, 2017, p. 70). A escolha pelo silêncio é muito comum nas mulheres vítimas de abuso sexual, uma vez que na sociedade patriarcal a voz das mulheres é sempre questionada e por vezes culpada quando decide contar o ocorrido para as autoridades, até mesmo para a família e amigos. A única relação mais próxima de afeto que ela conseguirá manter é com um cachorro de rua, Vento, que ela adotara anteriormente, quando Lucas estava cursando faculdade em Minas Gerais.

Além da repressão, a violência sofrida pela personagem deixa marcas profundas. Por mais que tenha sobrevivido ao abuso, a protagonista percebe que não teve escolhas e sobrevive de forma automática. Reforça-se aqui o verbo *sobreviver* e não *viver*, pois devido à violência sofrida, a personagem não consegue viver nem um dia tranquilo. Só lhe resta questionar o que poderia ter feito da sua vida se tivesse escolha:

> o que eu estaria fazendo se eu pudesse ter escolhido fazer alguma coisa?
> pensando agora
> eu ainda gostaria de ser
> Aeromoça, elas
> voam
> sem precisar de asas ou colocar a mão no bolso e sim
> o contrário.
> são tão
> bonitas, as escolhidas,
> não parecem tristes ou ocupadas demais
> enquanto eu
> em terra firme
> chego em casa
> todo dia um
> caco,
> ainda bem que a bete existe. (Bei, 2017, p. 71)

A falta de escolha e o questionamento, além da apatia que a personagem apresenta durante todo o romance, são sinais da repressão, pois ela não expressa o trauma de forma verbal, então o evento reprimido se torna fonte de melancolia. De acordo com Freud (2010, p. 172-173), a

> melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode levar a uma delirante expectativa de punição.

A depressão da narradora a faz se isolar de todos, pois ela se calou para sobreviver e encontrou no silêncio uma forma de lidar com o trauma. Jeanne-Marie Gagnebin (2006, p. 110) define o trauma como uma "ferida aberta na alma, ou no corpo, por acontecimentos violentos, reprimidos ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma da palavra, pelo sujeito". Dessa forma, o não dizer da personagem reverbera em todos os aspectos da sua trajetória; ela encontra no silêncio uma salvação, mas também é sua perdição, pois ao se afastar de todos ela também se perde de si:

> chorei assistindo um programa de TV. nascida há anos
> ainda passo por esses vexames
> aproveito e tiro uma foto
> de dentro da minha cabeça. daqui um tempo
> olharei pra ela e
> ficarei triste
> por eu ser eu mesma
> e não haver outra saída possível pra deixar de ser eu e ainda assim seguir
>
> vivendo. (Bei, 2017, p. 76).

A narradora tem a consciência de que as lembranças das mínimas experiências do cotidiano, como chorar por causa de um programa de TV, gerarão nela mesma uma tristeza por ser quem é, por não haver como ela ser de outra forma e ainda continuar vivendo. É como se ela se observasse fora de si, pela fotografia mental daquele momento, apiedando-se por não poder ser de outro jeito.

Conclusões

Foi objetivo desse artigo analisar o romance *O peso do pássaro morto* (2017), de Aline Bei, segundo a ideia de que algumas das experiências traumáticas vividas pela protagonista e sua consequente repressão advêm da violência de gênero. Para isso, se fez necessário compreender como a vivência do abuso sexual sofrido pela personagem foi internalizada por ela, mostrando como o trauma se manifesta em sua vida adulta, impactando seus relacionamentos interpessoais.

Foi feito um breve panorama da violência de gênero no Brasil por meio de dados de documentos oficiais, com o intuito de chamar a atenção para a relevância de uma literatura brasileira escrita por mulheres que tematizem e representem os problemas e as tensões vividas pelas mulheres, uma vez que ainda perduram valores patriarcais em nossa sociedade.

Para analisar o trauma vivido pela personagem e as consequências em seus relacionamentos, foi convocado o conceito freudiano de repressão, bem como um aporte teórico

da crítica feminista, pelo diálogo que mantém com a temática da obra de Bei. Foi mostrado como o estupro e a gravidez inesperada marcaram profundamente a protagonista, que nunca conseguiu manter um relacionamento amoroso com ninguém, tampouco se dedicar à maternidade. O relacionamento familiar com os pais também é superficial, uma vez que a protagonista sente que se eles soubessem do que havia acontecido com ela, poderiam não apoiá-la de todo, exatamente pelos valores patriarcais que subsistem na sociedade.

Assim, a protagonista de *O peso do pássaro morto* tem sua vida estilhaçada pela violência de gênero, não conseguindo verbalizar o trauma sofrido a ninguém, conseguindo somente sobreviver apesar do passado.

Referências

ALFELD, Elisabete. Poética da rememoração: o processo criativo de **O peso do pássaro morto**. **Manuscrítica: Revista de Crítica Genética**, São Paulo, Brasil, n. 43, p. 54–72, 2021. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/184112. Acesso em: 27 jun. 2024.

ARAÚJO SILVA, Lanuk Nagibson; DUNDER, Mauro. O grito mudo*:* silenciamento e violência contra a mulher em **O peso do pássaro morto**, de Aline Bei. **Revista Odisseia**, [S. l.], v. 8, n. Especial, p. 57–76, 2023.

ARRUDA, Renata. **O peso do pássaro morto**: Aline Bei fala sobre traumas, violências e a luta para seguir em frente. Disponível em: https://revistaogrito.com/o-peso-do-passaro-morto-aline-bei-entrevista/. Acesso em: 17 dez. 2024.

BANDEIRA, Lourdes Maria; OLIVEIRA, Eleonora M. de. Trajetória da Produção Acadêmica sobre as Relações de Gênero nas Ciências Sociais. In: **Anais do XIV Encontro Anual da ANPOCS**, n. 14, 1990, p. 1-27.

BEI, Aline. **O peso do pássaro morto**. São Paulo: Nós, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico**, v. 54, n. 8, 29 fev. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2023/boletim-epidemiologico-volume-54-no-08. Acesso em: 16 dez. 2024.

BRASIL. Ministério das Mulheres. **Relatório Anual Socioeconômico da Mulher** (RASEAM). 2024. Disponível em: https://www.gov.br/mulheres/pt-br/observatorio-brasil-da-igualdade-de-genero/raseam/ministeriodasmulheres-obig-raseam-2024.pdf. Acesso em: 16 dez. 2024.

ESTEVES, Natacha dos Santos; COQUEIRO, Wilma dos Santos. A cura não existe: depressão, melancolia e suicídio no romance **O peso do pássaro morto**. **Revista Humanidades e Inovação**, v.7, n. 17, 2020. Disponível em: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3829.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Por uma crítica feminista**: leituras transversais de escritoras brasileiras. Porto Alegre: Editora Zouk, 2020.

FIGUEIREDO, Eurídice. Escrever contra o silenciamento do estupro: **Vista Chinesa** de Tatiana Salem Levy. **Revista Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 13, n. 25, 2021. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/view/42859.

FREUD, Sigmund. **Obras completas**: volume 12 (1914-1916). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidade, sexualidade e estupro. **Cadernos Pagu**. Campinas, vol. 11, p. 231-73, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PEREIRA, Maria do Rosário; ARRUDA, Aline Alves. O estupro em duas narrativas de autoria feminina contemporânea. **Revista Criação & Crítica**, *29*, 2021, p. 145-160.

PEREZ, Olivia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. A quarta onda feminista no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 31, n. 3, e83260, 2023.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

TIBURI, Marcia. Lógica do estupro: tudo começa com uma inversão, 2014. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2014/04/logica-do-estupro/>. Acesso em 17 de dez. de 2024.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.